

Que desenvolvimento é esse? Análise da expansão do agronegócio da soja na área do MATOPIBA a partir de uma perspectiva furtadiana.

Hellen Alves Sá
Letícia Morais
Christiane S. S. Campos¹

Resumo

Este paper analisa, a partir de uma perspectiva furtadiana, a expansão da soja no MATOPIBA, um recorte geográfico constituído por uma área de aproximadamente 70 milhões de hectares entre os estados da Bahia, Tocantins, Piauí e Maranhão. Nesta área ocorreu nas últimas duas décadas um vertiginoso crescimento da produção de soja, decorrentes tanto do aumento da área plantada quanto da produtividade, que se refletiram em uma elevação do PIB de municípios da região. Em função da centralidade que a produção de grãos, particularmente de soja, desempenha na economia dessa região, o agronegócio é apontado pelos meios de comunicação e pelos órgãos governamentais como o motor de um processo de desenvolvimento. Entretanto, o expressivo aumento da produção de riqueza não vem se traduzindo em redução significativa da pobreza. Os resultados deste estudo, baseado na análise de dados secundários do conjunto da região e de cinco municípios que são referência do agronegócio no MATOPIBA, corroboram a hipótese de que o crescimento do agronegócio nos cerrados do Norte e Nordeste do país se configura como um enclave, não podendo ser caracterizado como desenvolvimento, na abordagem furtadiana deste conceito.

Palavras chave: Matopiba, soja, desenvolvimento, agronegócio, pobreza.

Abstract

This paper analyzes, from a furtadiana perspective, soybean expansion in MATOPIBA, a geographical cutout comprises an area of approximately 70 million hectares between the states of Bahia, Tocantins, Piauí and Maranhão. In this area it occurred in the last two decades rapid growth of soybean production, resulting both from increased acreage as productivity, which is reflected in a rise in GDP of municipalities. Due to the centrality that the production of grains, particularly soybeans, plays in the economy of this region, agribusiness is appointed by the media and by government agencies like the engine of a development process. However, the significant increase in the production of wealth is not translating into significant poverty reduction. The results of this study, based on secondary data analysis of the whole region and five municipalities that are reference of agribusiness in MATOPIBA, support the hypothesis that the growth of agribusiness in the northern savannah and the Northeast is configured as an enclave, can not be characterized as development, furtadiana approach this concept.

Keywords: Matopiba, soybeans, development, agribusiness, poverty.

¹ Hellen Alves Sá - estudante do curso de Ciências Econômicas da UFS - hellenalvesa@gmail.com

Letícia Morais - estudante do curso de Ciência Econômicas da UFS - lmorais53@yahoo.com;

Christiane S. S. Campos - professora do Depto de Economia da UFS e coordenadora do grupo de estudos e pesquisas sobre Economia e Transformação do Espaço, que desenvolve projeto de pesquisa sobre a expansão da soja na América Latina, no qual se insere esta pesquisa sobre o Matopiba. chris_senhorinha@hotmail.com

Introdução

"O MATOPIBA é um arquipélago de ilhas de prosperidade num mar de pobreza e miséria rural"². Esta definição de Evaristo Miranda - Coordenador do Grupo de Inteligência Territorial Estratégica - GITE da EMBRAPA, responsável pelos estudos de dessa região no âmbito do governo federal, sintetiza a cartografia socioeconômica que o agronegócio da soja vem desenhando nos cerrados do Norte e Nordeste do Brasil. Ou seja, trata-se de um processo de geração de riqueza que ao invés de dirimir aprofunda a desigualdade social, uma vez que os fatores terra, capital e tecnologia se concentram em poucas mãos e é reduzido o emprego do fator trabalho.

O Matopiba é um acrônimo formado pelas iniciais dos nomes dos Estados do Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia. Esta área, recentemente institucionalizada como uma região de desenvolvimento do país por meio do decreto presidencial 8.447 de 6 de maio de 2015, é considerada a última fronteira agrícola do país, e vem a cada ano ampliando a área plantada, a produtividade e, por conseguinte, a produção de grãos, particularmente de soja. Entretanto, grande parte da população dos municípios que estão inseridos nesta região está a margem dessa produção de riqueza, vivendo em condições de pobreza e extrema pobreza. Neste sentido, consideramos pertinente questionar que desenvolvimento é esse que vem ocorrendo na área do Matopiba.

A hipótese que alicerça esta pesquisa é de que o crescimento do agronegócio da soja na região do Matopiba é um enclave, sob o domínio de dois agentes econômicos grupos multinacionais do agronegócio e grandes proprietários fundiários. E que este processo de produção de riqueza, ainda que conte com participação direta do Estado no que se refere a infraestrutura, recursos financeiros e pesquisa, não implica em desenvolvimento, na perspectiva furtadiana deste conceito, uma vez que não produz significativos impactos positivos nas condições de vida da maioria da população.

As *tradings* assumem cada vez mais o controle da produção - por meio do fornecimento de insumos químicos, sementes, máquinas e crédito. Como pagamento os produtores entregam grãos para as empresas multinacionais, de modo que elas amplia cada

² Esta definição foi realizada no artigo de Evaristo Miranda intitulado "Matopiba - Desenvolver a agricultura ou os agricultores", publicado no Jornal Correio Brasiliense em 30-04-2015.

vez mais a participação na comercialização dos grãos. Os proprietários, pessoas físicas e jurídicas, por sua vez, controlam o fator terra, se utilizam da tecnologia e do capital disponibilizado pelas *tradings* e pelo Estado, e concentram a riqueza que fica na região. No Matopiba predomina uma relação diretamente proporcional entre tamanho de área e renda, de modo que o crescimento da riqueza vai se traduzindo em concentração fundiária.

O artigo está dividido em quatro partes, além desta introdução. Na primeira parte se expõe a metodologia e o referencial teórico baseado em dois conceitos: desenvolvimento econômico e agronegócio. A segunda parte é constituída de uma breve caracterização da área do Matopiba e apresentação de dados que evidenciam a expansão da soja neste recorte geográfico. A terceira parte sintetiza os resultados da análise de dados de quatro municípios que se destacam na produção de soja no Matopiba: Campos Lindos - TO, Uruçuí - PI, Balsas - MA e Luiz Eduardo Magalhães - BA. Por fim, nas considerações finais se retoma a questão que dá título a este paper, problematizando o impacto socioeconômico desse processo de geração de riqueza, a partir de uma perspectiva furtadiana.

O recorte temporal desta pesquisa foi definido a partir da década de 1990 porque como destaca Campos (2011) a expansão territorial do agronegócio no Brasil não pode ser dissociada das reformas neoliberais, implementadas nos países a partir da década de 1990. A hegemonia neoliberal modifica não apenas a situação macroeconômica e o papel do Estado, mas também reconfigura as relações de poder nas cadeias de produção. No caso da soja essa reconfiguração implicou em maior poder dos grupos multinacionais (BENETTI, 2010; WESZ Jr., 2011) em todas os elos da cadeia, ou seja, no financiamento, no processo produtivo, no processamento e na comercialização dos grãos.

Metodologia e referencial teórico

Este estudo se insere em um amplo projeto de pesquisa que se dedica a analisar o impactos socioeconômicos e as transformações socioespaciais da expansão da soja na América Latina, a partir da década de 1990. Além de um debate teórico sobre esse fenômeno alicerçado em categorias econômicas e geográficas, do levantamento de dados secundários dos países que são os maiores produtores: Brasil, Argentina e Paraguai, o trabalho se propõe a aprofundar a análise dos impactos por meio de estudos de caso de

regiões em que a expansão da soja é recente. É nesta perspectiva que se insere esta pesquisa no Matopiba.

Este estudo resulta da primeira etapa desta pesquisa no Matopiba, de modo que os procedimentos metodológicos que fundamentaram a elaboração deste artigo foram o levantamento e análise de dados secundários e revisão bibliográfica.

O referencial teórico deste estudo tem como conceito estruturante o desenvolvimento econômico, a partir da análise que Celso Furtado desenvolve deste conceito na obra "Teoria e política do desenvolvimento econômico", ainda que se utilize outros livros do autor na revisão bibliográfica. Outros dois conceitos relevantes para este estudo são Agronegócio e Pobreza, abordados em uma perspectiva crítica de análise.

Na obra supracitada Furtado (2000, p. 15) lembra a importância da teoria do desenvolvimento não ficar restrita às formulações abstratas, que analisam este fenômeno por meio de modelos que supõem "relações estáveis entre variáveis quantificáveis". Isso porque compreende o desenvolvimento como "um fenômeno com nítida dimensão histórica" (idem, p.18). Nesse sentido, ainda que hajam muitos aspectos comuns no processo de acumulação capitalista, é preciso levar em conta os condicionantes históricos que vão influenciar esse processo nos diferentes lugares. Neste sentido, é que a história econômica ganha centralidade na análise furtadiana. Coerente com esta perspectiva teórica, é que este autor, empenhado em contribuir para a superação dos obstáculos ao processo de desenvolvimento econômico brasileiro no século XX, inicia seus estudos com uma aprofundada análise de sua formação econômica (FURTADO, 1989).

Para Furtado, "o aumento da produtividade do trabalho e suas repercussões na distribuição e utilização do produto social constituem o problema central da teoria do desenvolvimento" (idem, p. 19). E o principal indicador desse processo de desenvolvimento, segundo o autor (idem, p. 102) é o aumento do fluxo de renda por unidade de força de trabalho utilizada. De modo que, mais do que expansão do excedente, o processo de desenvolvimento deve se traduzir em expansão e diversificação da demanda interna, incorporando parcelas crescentes da população.

Sintetizando, o desenvolvimento tem lugar mediante aumento de produtividade do conjunto econômico complexo. Esse aumento de produtividade (e da renda per capita) é determinado por fenômenos de crescimento que tem lugar em subconjuntos, ou

setores, particulares. As modificações de estrutura são transformações nas relações e proporções internas do sistema econômico, as quais tem como causa básica modificações nas formas de produção, mas que não poderiam se concretizar sem modificações na distribuição e utilização da renda (FURTADO, 2000, p. 103/104)

Nesse sentido, o conceito de desenvolvimento, nesta perspectiva furtadiana, "compreende a ideia do crescimento superando-a" (idem, p.102). Essa diferenciação entre crescimento e desenvolvimento está longe de ser consenso na ciência Econômica, mesmo entre os estudiosos desse fenômeno numa vertente desenvolvimentista, como é o caso de Furtado, há autores que consideram que no médio e longo prazo os dois fenômenos são a mesma coisa (BRESSER-PEREIRA, 2006; 2014).

Os dados de expansão do PIB da região do Matopiba comprovam que vem ocorrendo ampliação do excedente, em grande medida motivado por aumento da produtividade dos fatores, o que permite inferir que o agronegócio da soja vem promovendo um processo de crescimento econômico nos cerrados do Norte e Nordeste do Brasil. Todavia, o uso limitado de trabalho local, deixa a margem desse processo a maior parte da população residente.

Nesse sentido, consideramos pertinente, manter a diferença conceitual entre crescimento e desenvolvimento, considerando que o agronegócio da soja no Matopiba gera crescimento mas não desenvolvimento. Por outro lado, o fato de estar circunscrita a um recorte territorial sem dinamizar o conjunto da economia dos estados envolvidos, permite caracterizar a expansão da soja nessa região como um enclave, voltado sobretudo para a produção e exportação do grão in natura, portanto com baixo valor adicionado, que produz expansão do produto, mas não irradia para o conjunto da economia transformações estruturais.

Para Bresser-Pereira (2014) esse fenômeno que se identifica no Matopiba seria uma exceção não uma regra, uma vez que tanto o crescimento quanto o desenvolvimento implicam no aumento do padrão de vida da população, ainda que isso ocorra de forma desigual, porque aqueles que detém mais poder exploram os demais, contudo os explorados também ganham, porque se organizam e forçam mudanças políticas e econômicas. Entretanto, o que se constata no levantamento bibliográfico de estudos realizados com populações camponesas das áreas em que vem ocorrendo a expansão da soja no Matopiba é que piorou o padrão de vida dessas comunidades.

A concentração de terras nas mãos de capitalistas reduz o acesso a terra de comunidades tradicionais (GASPAR, 2010; MIRANDA, 2011) e em alguns municípios a chegada da soja implicou na expulsão de comunidades camponesas (CIFUENTES, 2013) de seus territórios. E a prioridade da ação do Estado é viabilizar a ampliação da acumulação de capital, uma vez que a maior parte dos recursos já investidos e os que se pretende investir são destinados a infraestrutura de transporte (rodovias, ferrovias, portos) para escoamento da produção (MIRANDA, 2015).

Outro conceito relevante para este estudo é o de Agronegócio. Ainda que prevaleça no senso comum uma concepção asséptica de agronegócio, associada a uma visão sistêmica das atividades agropecuárias e agroindustriais (RUFINO, 1999; ARAÚJO, 2009), nesta pesquisa adota-se o conceito de Campos (2011, p. 109) para quem o

(...) agronegócio deve ser compreendido como uma complexa articulação de capitais direta e indiretamente vinculados com os processos produtivos agropecuários, que se consolida no contexto neoliberal sob a hegemonia de grupos multinacionais e que, em aliança com o latifúndio e o Estado, tem transformado o interior do Brasil em um *locus* privilegiado de acumulação capitalista, produzindo, simultaneamente, riqueza para poucos e pobreza para muitos e, por conseguinte, intensificando as múltiplas desigualdades socioespaciais.

Essa perspectiva crítica de análise também é partilhada por Delgado (2012, p. 89) que também crítica essa visão descritiva de agronegócio como sendo o simples somatório de atividades realizadas antes, durante e depois do processo de produção agropecuária. De modo que para ambos os autores supracitados no Brasil agronegócio não pode ser entendido como uma tradução literal de *agribusiness*.

(...) agronegócio na acepção brasileira do termo é uma associação do grande capital agroindustrial com a grande propriedade fundiária. Essa associação realiza uma estratégia econômica de capital financeiro, perseguindo o lucro e a renda da terra, sob patrocínio de políticas de Estado (DELGADO, 2012, p. 94).

Para este autor (idem, 109), vigora no país neste século XXI um "novo pacto da economia política do agronegócio", costurado pela "articulação público privada da política agrária e das estratégias privadas de acumulação de capital no espaço ampliado do setor agrícola tradicional e dos complexos agroindustriais perseguindo lucro e renda da terra".

Os efeitos deste pacto já estariam sendo sentidos por exemplo na elevação do preço da terra, na frouxidão da política fundiária, no aprofundamento da inserção externa das cadeias agroindustriais, entre outros.

Nesta perspectiva crítica de análise o processo de crescimento alicerçado na expansão do agronegócio, produz efeitos nefastos para o conjunto do país e não apenas nas economias de enclave, como é o caso do Matopiba, uma vez que implica em uma reprimarização da economia, que amplia a vulnerabilidade externa do país, girando para traz a roda da história no que tange a industrialização, fenômeno essencial ao processo de desenvolvimento econômico na perspectiva estruturalista adotada por Furtado (MISSIO, 2013). Esse processo de reprimarização pode ser mensurado pela inversão na pauta de exportações do país evidenciada pela figura 2.

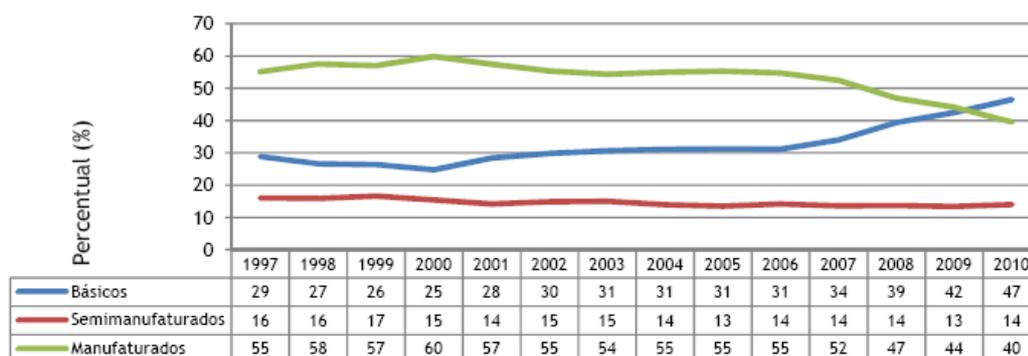


Figura 2. Evolução da Participação Percentual dos Níveis de Agregação de Valor nas Exportações Totais, Brasil, 1997-2010. (Fonte: Instituto de Economia Agrícola - IEA-USP, apud Gonçalves, 2011).

Como se pode observar na figura 2 os produtos básicos são os que mais cresceram no início desse século XXI, superando os produtos manufaturados no final da primeira década. No início dos anos 2.000 os produtos básicos, constituídos pelas commodities agrícolas e minerais, representavam 25% das exportações do país e em 2010 respondiam por 47% das exportações do país. E a soja in natura é o principal item exportado entre os produtos básicos.

MATOPIBA - uma breve caracterização

O decreto 8.447 de 6 de maio de 2015 oficializa o Matopiba como uma região, que passa a contar com um plano de desenvolvimento agropecuário específico e uma

superintendência de desenvolvimento, sob o comando do Ministério da Agricultura. A delimitação territorial do Matopiba se baseia em uma série de critérios elaborados pelo Grupo de Inteligência Territorial e Estratégica- GITE da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária - EMBRAPA, responsável pelo estudo que subsidiou essa institucionalização da área.

Conforme Miranda (2015) a área do Matopiba tem cerca de 73 milhões de hectares, onde vivem 6 milhões de pessoas. Um dos principais critérios utilizados para a delimitação dessa região foi o bioma cerrado, que cobre aproximadamente 91% do território. Desse modo, o Matopiba é um recorte geográfico que inclui os cerrados do sul do Maranhão, norte do Tocantins na região Norte, o sudoeste do Piauí e oeste da Bahia na região Nordeste do Brasil.

A figura 1 evidencia a delimitação territorial do Matopiba proposta pela Embrapa (MIRANDA, 2015), que inclui 31 microrregiões do IBGE em que as atividades do setor primário movimentam a economia.

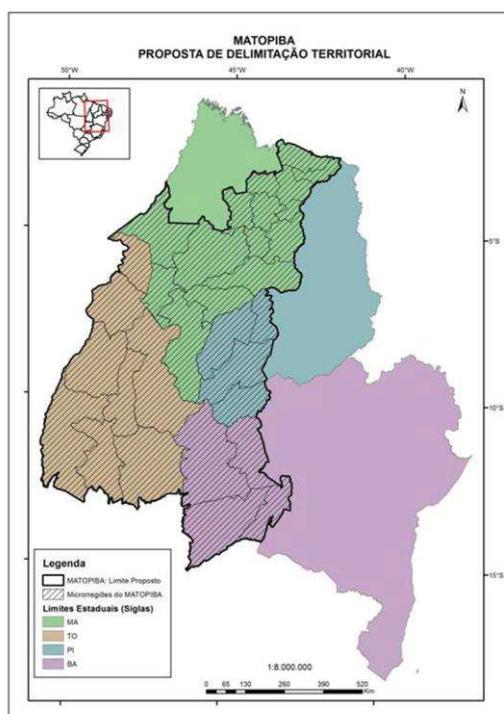


Figura 1. Delimitação territorial do MATOPIBA e as 31 microrregiões homogêneas do IBGE que o compõem.

A institucionalização do Matopiba como uma região de desenvolvimento, com um plano de desenvolvimento específico e uma superintendência para organizar e integrar os

investimentos na região, demonstram a relevância que este recorte territorial adquiriu do ponto de vista econômico e geopolítico no país. A entrada oficial do Matopiba no mapa da economia do Brasil se deve sobretudo ao vertiginoso crescimento da produção de grãos, particularmente de soja, que a região apresentou nas últimas duas décadas.

Dados da Conab (2015) indicam que a produção de soja na safra 2014/2015 deve ser de 10,4 milhões de toneladas no Matopiba, o equivalente a aproximadamente 10% da soja produzida no país, sendo que há duas décadas atrás somente na Bahia já havia sido iniciado o plantio dessa oleaginosa. No Maranhão a produção de soja era insignificante e nos estados do Piauí e Tocantins nem havia produção. E é exatamente nas áreas de ocupação recente que mais cresce a produção de soja.

Conforme evidencia a figura 3 os estados que compõem o Matopiba (Maranhão, Tocantins, Bahia e Piauí) tem obtido as maiores variações de produção e de área plantada nas últimas safras e os estados do Tocantins e Piauí tem as maiores variações.

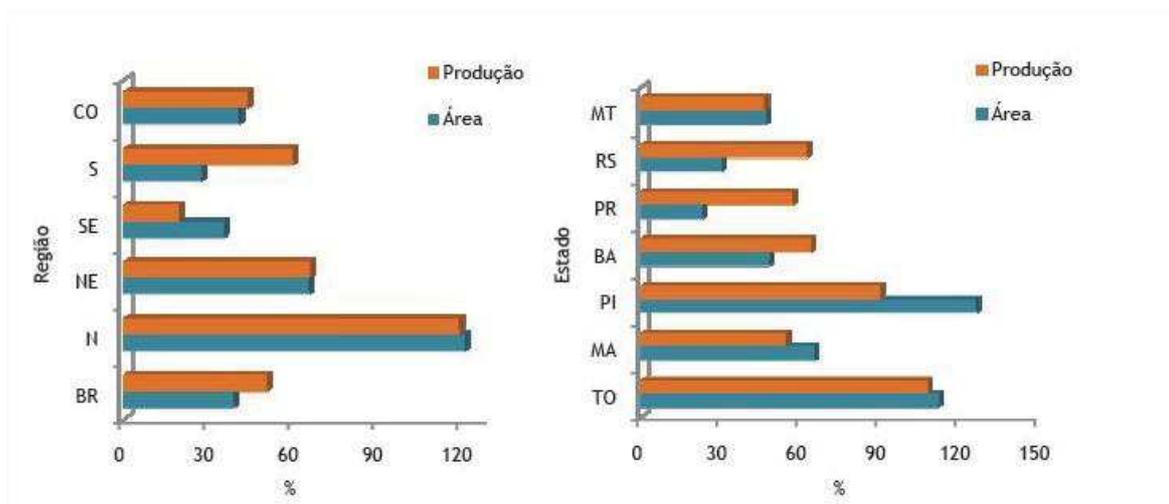


Figura 3: Variação percentual da área colhida e da produção de soja, por região e principais Estados Produtores, 2009 - 2014. (Fonte: BARBOSA E MARTINS, 2014, a partir de dados do IBGE).

Analisando a Figura 3 se observa que, com exceção da Bahia, nos estados do Matopiba a área tem se expandido mais que a produção, o que segundo Barbosa e Martins (2014) decorrem da disponibilidade de terras para serem exploradas. A disponibilidade de

terras apropriadas para o cultivo de soja, a preços mais baixos que outras regiões do país, foram os fatores que levaram os proprietários a migrarem de outras regiões, sobretudo da região sul do país, para os cerrados do Matopiba.

Contudo, a renda resultante desta crescente produção está concentrada em poucas mãos. De acordo com o estudo do GITE/EMBRAPA (MIRANDA, 2015), a partir de dados do censo agropecuário 2006, existem no Matopiba cerca de 250 mil estabelecimentos agropecuários, sendo que 80% destes são muito pobres, tendo gerado apenas 5,22% da renda bruta da região. 14% desses estabelecimentos são considerados pobres e foram responsáveis por 8,35% da renda bruta da região. Outros 5,79% dos estabelecimentos são classificados como classe média e geraram 26,74% da renda bruta da região. E outros 0,42% dos estabelecimentos - que significava 1.020 estabelecimentos - eram considerados ricos, com uma renda bruta mensal maior que 200 salários mínimos. Estes pouquíssimos estabelecimentos ricos, geravam mais da metade da renda bruta da região (59,78%).

De modo que, ainda que se saiba que o desenvolvimento do capitalismo ocorra de forma desigual (FURTADO, 1974; 2000; SMITH, 1988) no Matopiba o fosso entre ricos e pobres se alarga em ritmo tão acelerado quanto o crescimento da produção de soja. Na próxima sessão se analisa os impactos dessa expansão da soja em quatro municípios, um em cada um dos estados que compõem o Matopiba.

Impactos da expansão da soja em alguns municípios do Matopiba.

Os municípios de Balsas - MA, Uruçuí - PI, Campos Lindos - TO e Luiz Eduardo Magalhães na BA foram selecionados por se destacarem como celeiros da soja nos respectivos estados. São analisados alguns dados que revelam os impactos da expansão da soja no que se refere a produção agrícola, bem como dados socioeconômicos que evidenciam que o ritmo lento das melhorias nas condições de vida em contraposição ao ritmo acelerado da expansão da soja. O Quadro 1 mostra o PIB per capita.

	Matopiba	Região Nordeste	Região Norte	Brasil
PIB per capita (1.000 R\$)	7,95	9,56	12,70	19,77

Quadro 1. PIB per capita do Matopiba, das regiões Nordeste e Norte e do Brasil em 2010. (Fonte: Miranda 2015).

Como se verifica apesar do amplo crescimento da soja na região, esta permanece com um PIB per capita bem abaixo do conjunto das regiões em que se inserem e particularmente bem abaixo do Brasil. Entretanto, esse baixo PIB per capita não decorre de um pequeno crescimento do PIB, pelo contrário, como evidencia o Quadro 2, nos estados do Matopiba tem havido acentuada elevação do PIB e particularmente nos municípios selecionados.

Produto interno bruto					
País		Estado		Município	
Brasil	197%	Maranhão	281%	Balsas	288%
		Tocantins	248%	Campos Lindos	522%
		Piauí	246%	Uruçuí	1185%
		Bahia	176%	Luís Ed. Magalhães	551%

Quadro 2: Evolução do PIB nacional, estadual e municipal (2002 - 2012)

(Fonte: elaboração própria a partir de dados do IBGE)

Como se pode observar no Quadro 2 o PIB dos municípios selecionados cresceu bem acima do PIB dos estados e do país, o que evidencia a contribuição do agronegócio da soja para o crescimento desses municípios uma vez que a produção de soja é que se expande aceleradamente nas últimas duas décadas. E a expansão da produção de soja, voltada para o mercado externo, vem gerando queda da produção de culturas voltadas para o mercado interno, como é o caso do arroz e da castanha de caju em Uruçuí, ilustrada no Quadro 3.

EVOLUÇÃO DA ÁREA E PRODUÇÃO - ARROZ E SOJA EM URUCUÍ PIAUI							
Área colhida (Hectares)				Quantidade produzida (Toneladas)			
Ano	Arroz (em casca)	Castanha de Caju	Soja (em grão)	Ano	Arroz (em casca)	Castanha de Caju	Soja (em grão)
1990 a 2000	-4%	-99%	19892%	1990 a 2000	988%	-98%	539667%
2000 a 2013	-49%	2757%	735%	2000 a 2013	-64%	3233%	487%
1990 a 2013	-51%	-81%	166793%	1990 a 2013	292%	-43%	3166200%

Quadro 3 - Evolução da área colhida e da produção de arroz, castanha de caju e soja - 1990 a 2013.

(Fonte: elaboração própria a partir de dados do IBGE)

Fenômeno semelhante ocorre no município de Balsas no Maranhão, que se destacava na produção de arroz e atualmente é o maior produtor de soja do Estado. O Quadro 2 ilustra essa mudança na produção agrícola do município.

EVOLUÇÃO DA ÁREA E PRODUÇÃO - ARROZ E SOJA EM BALSAS MARANHÃO					
Área colhida (Hectares)			Quantidade produzida (Toneladas)		
Ano	Arroz (em casca)	Soja (em grão)	Ano	Arroz (em casca)	Soja (em grão)
1990 a 2000	2%	909%	1990 a 2000	952%	9367%
2000 a 2013	-88%	129%	2000 a 2013	952%	9367%
1990 a 2013	-87%	2208%	1990 a 2013	7%	23932%

Quadro 4: Evolução da área colhida e da produção de arroz e soja - 1990 a 2013.

(Fonte: elaboração própria a partir de dados do IBGE)

Em Luiz Eduardo Magalhães a produção de soja ocorre em período anterior, uma vez que este município se emancipa de Barreiras no início dos anos 2000, e a produção de soja naquela região tem início na década de 1970. Em Campos Lindos no Tocantins a produção de soja é recente. Conforme dados do IBGE a área plantada com soja no município era de apenas 450 hectares em 1997, ano em que o governo estadual incentivou o plantio de soja no município por meio de uma controversa distribuição de terras (CIFUENTES, 2013) para empresários rurais. A distribuição foi conduzida pela Federação da Agricultura do Estado, que na época era dirigida por Kátia Abreu, atual ministra da Agricultura, que foi uma das beneficiadas no projeto. Em 2013 a soja já ocupava 67.000 hectares no município, e a produção se expandira de 945 toneladas para 213.570 toneladas.

Além do rápido crescimento da soja o município de Campos Lindos também se destaca por ser um dos mais pobres do Brasil. Dados do IBGE de 2010 indicam que 35% da população municipal vivia em extrema pobreza, com renda per capita domiciliar de até R\$ 70,00, sendo que 49% destes extremamente pobres viviam no meio rural e 51% na área urbana. O que revela que a soja não implicou em substancial melhoria das condições de vida nem no campo nem na cidade.

Para finalizar a análise de dados o Quadro 5 evidencia a expansão de soja nos municípios selecionados evidenciando que esse processo ocorre tanto por meio do aumento da área plantada quanto da elevação da produtividade.

EVOLUÇÃO (1990 a 2000, 2000 a 2013 e 1991 a 2013)								
Município	ANO	ÁREA PLANTADA	PRODUÇÃO	PRODUTIVIDADE	PERÍODO	% ÁREA PLANTADA	% PRODUÇÃO	% PRODUTIVIDADE
Brasil	1990	11.584.734	19.897.804	1,72	1990 a 2000	18%	65%	40%
	2000	13.693.677	32.820.826	2,40	2000 a 2013	104%	149%	22%
	2012	27.948.605	81.724.477	2,92	1991 a 2013	141%	311%	70%
Uruçuí - PI	1990	60	6	0,10	1990 a 2000	19892%	539667%	2600%
	2000	11.995	32.386	2,70	2000 a 2013	739%	487%	-30%
	2013	100.636	189.978	1,89	1991 a 2013	167627%	3166200%	1788%
Balsas - MA	1990	5.952	1.607	0,27	1990 a 2000	909%	9367%	839%
	2000	60.040	152.141	2,53	2000 a 2013	129%	154%	11%
	2013	137.345	386.196	2,81	1991 a 2013	2208%	23932%	941%
Campos Lindos - TO	1990	-	-	-	1990 a 2000	-	-	-
	2000	7.000	18.900	2,70	2000 a 2013	869%	1030%	17%
	2013	67.800	213.570	3,15	1991 a 2013	-	-	-
Luís Ed. Magalhães - BA	1990	-	-	-	1990 a 2001	-	-	-
	2001	150.000	306.000	2,04	2001 a 2013	5%	17%	12%
	2013	157.110	358.211	2,28	1991 a 2013	-	-	-

Quadro 5: Evolução da Área Plantada, Produção e Produtividade de Soja no Brasil e municípios selecionados. (Fonte: elaboração própria a partir de dados do IBGE)

A expansão da soja ilustrada no Quadro 5 revela a utilização de modernas técnicas de produção, de tecnologia avançada, e simultaneamente de muita terra e capital, uma vez que são crescentes os custos de produção dos insumos. Entretanto, a modernidade e riqueza da soja convive com condições extremamente precárias de reprodução social. Isso evidencia o caráter de enclave da sojicultura no Matopiba.

Algumas considerações.

Analisando o crescimento da soja no município de Balsas, Oliveira (2012) constata que o boom da soja desencadeou uma série de transformações espaciais e socioculturais para a população vigente há mais tempo em Balsas, como: êxodo rural, inchaço urbano, concentração de renda, exclusão social, dentre outros. A perspectiva de melhoria do padrão de vida ficou praticamente restrita ao grande investidor do agronegócio na região, o migrante, assim como as tradings que atuam no mercado internacional de soja.

Neste estudo, ainda em caráter preliminar, uma vez que a pesquisa está em andamento, o levantamento de dados secundários e a revisão bibliográfica corroboraram a hipótese de que a expansão da soja no Matopiba se caracteriza como um enclave, que pouco se irradia para o conjunto da economia. De modo que o enorme crescimento da produção e da produtividade vem se traduzindo na geração de um excedente econômico que é apropriado por muito poucos. Os dados de concentração da renda nos estabelecimentos revela que somente cerca de 0,50% dos estabelecimentos geram quase 60% da renda bruta da região. São os 1020 estabelecimentos considerados ricos, em um universo de 250 mil estabelecimentos. Quando se considera que muitos proprietários tem mais de uma propriedade, se evidencia o quanto é limitado o percentual da população que efetivamente enriquece com esse processo de geração de riqueza, além das tradings. Nesse sentido, para os que alardeiam a enorme contribuição do agronegócio da soja para o Brasil, e particularmente para o Matopiba, consideramos pertinente questionar: que desenvolvimento é esse?

Bibliografia

ARAÚJO, Massilon J. **Fundamentos de Agronegócio**. 2ª ed., São Paulo, Atlas, 2009.

BENETTI, Maria Domingues. *O agronegócio gaúcho entre os anos de 1980 e 2008*. In CONCEIÇÃO, Octavio et al. **Três décadas de economia gaúcha**. Porto Alegre, FEE, 2010.

BRESSER-PEREIRA, **O conceito histórico de desenvolvimento**. Texto para Discussão 157, São Paulo, FGV, dez. 2006.

_____, **Desenvolvimento, progresso e crescimento econômico**. Lua Nova, São Paulo, 93:33-60, 2014.

CAMPOS, Christiane S. S. **A face feminina da pobreza em meio à riqueza do agronegócio - trabalho e pobreza das mulheres em territórios do agronegócio no Brasil - o caso de Cruz Alta/RS**. Outras Expressões/Clacso, Buenos Aires, 2011.

CIFUENTES, Joaquim Eduardo. **Agronegócio e acumulação por espoliação - o enclave da soja em Campos Lindos** - TO. Tese de doutorado em sociologia, UNB, Brasília, 2013.

CONAB, **Acompanhamento da safra brasileira de grãos**, v. 2, oitavo levantamento, Brasília, 1-118, maio, 2015. Disponível em http://www.conab.gov.br/OlalaCMS/uploads/arquivos/15_05_12_08_59_36_boletim_graos_maio_2015.pdf acesso 09-05-2015.

FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. 3ª ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1974.

_____, **Formação Econômica do Brasil**. 23ª ed., São Paulo, Editora Nacional, 1989.

_____, **Teoria e política do desenvolvimento econômico**, 10ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 2.000.

GASPAR, Rafael Bezerra. **O Eldorado dos Gaúchos** - dissertação de mestrado - PPG em Ciências Sociais - UFMA, São Luís, 2010.

GITE - Grupo de Inteligência Territorial Estratégica. Disponível em: <https://www.embrapa.br/gite/>. Acesso em Maio/2015.

GONÇALVES, José Sidnei. **Reprimarização ou desindustrialização da economia brasileira: uma leitura a partir das exportações para o período 1997 - 2010**. Análise e Indicadores do Agronegócio - IEA/USP, v. 6, nº 12, São Paulo, dez. 2011.

IBGE - Cidades - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística; Censo 2006. Disponível em: <http://www.cidades.ibge.gov.br/xtras/home.php>. Acesso de Abril a Junho de 2015.

IBGE - PAM - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Produção Agropecuária Municipal; Censo 1990 a 2013. Disponível em: <http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?c=1612&z=t&o=11> . Acesso de Abril a Junho de 2015.

MDS - Ministério do Desenvolvimento Social. Disponível em: <http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/RIv3/geral/index.php>. Acesso em Maio/2015.

MIRANDA, Evaristo Eduardo. **Matopiba: caracterização, agendas e agenda**. Disponível em file:///C:/Users/adm/Downloads/150317_MATOPIBA_WEBSITE.pdf acesso em 15-05-2015.

_____, **Uma nova fronteira agrícola?** Agro DBO, São Paulo, p. 38-40, 2014.

MIRANDA, Roberto. **Ecologia política da soja e os processos de territorialização no Maranhão.** Tese de doutorado - PPG em Ciências Sociais - UFCG - Campina Grande, 2011.

MISSIO, Fabrício; JAYME JR, Frederico G.; OREIRO, José Luis. **Resgatando a Tradição Estruturalista na Economia.** In Anais do Encontro da ANPEC, 2013. Disponível em http://www.anpec.org.br/encontro/2013/files_I/i2-ed642ab0bf3d7723c8c70e23e0daa66e.pdf

OLIVEIRA, Danniell M. **Território da Fronteira/Fronteira do Território** - o novo sertão de Balsas - sul do Maranhão. Anais do XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, Uberlândia - MG, 15-19/10/2015.

PNUD - Programas da Nações Unidas para o Desenvolvimento. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/IDH/DH.aspx>. Acesso de Maio a Junho de 2015.

RUFINO, José Luís dos Santos. **Origem e conceito do agronegócio.** Informe Agropecuário, Belo Horizonte, Epamig, nº 199, p. 17-19, jul/ago 1999.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual.** Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1988.

WESZ JÚNIOR, Valdemar João. **Dinâmicas e estratégias da agroindústria da soja no Brasil.** Rio de Janeiro, E-papers, 2011.